

O AMOR NUNCA FOI TÃO MORTAL



# BRUXA REBELDE

MARIPOSA ESCARLATE - LIVRO DOIS

KRISTEN  
CICCARELLI

Título original: *Rebel Witch*

Copyright © 2025 por Kristen Ciccarelli  
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Taryn Fagerness Agency  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*coordenação editorial:* Gabriel Machado

*produção editorial:* Guilherme Bernardo

*preparo de originais:* Beatriz D'Oliveira

*revisão:* Midori Hatai e Milena Vargas

*diagramação:* Giovane Ferreira

*mapa:* Cartographybird Maps

*capa:* Kerri Resnick

*imagens de capa:* Sasha Vinogradova

*imagens do verso de capa:* rawpixel.com/Freepik

*adaptação de capa:* Miriam Lerner | Equatorium Design

*impressão e acabamento:* Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C499b

Ciccarelli, Kristen

Bruxa rebelde / Kristen Ciccarelli ; tradução Carolina Rodrigues. - 1. ed.

- São Paulo : Arqueiro, 2025.

416 p. ; 23 cm. (Mariposa Escarlata ; 2)

Tradução de: Rebel witch

Sequência de: Caçador sem coração

ISBN 978-65-5565-781-4

1. Romance canadense I. Rodrigues, Carolina. II. Título. III. Série.

25-96352

CDD: 813

CDU: 82-31(71)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

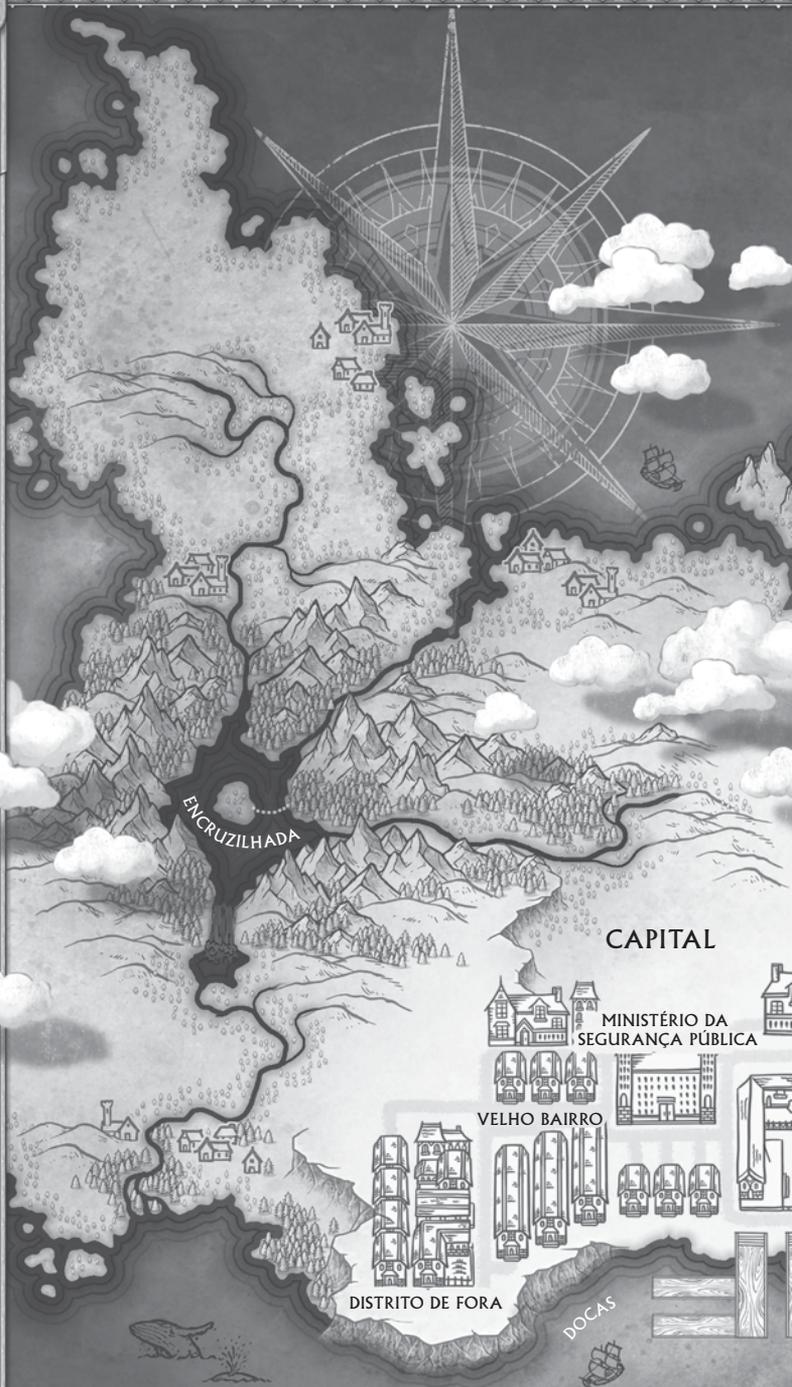
www.editoraarqueiro.com.br

PARA TODAS AS PESSOAS CORAJOSAS  
QUE ILUMINAM O CAMINHO

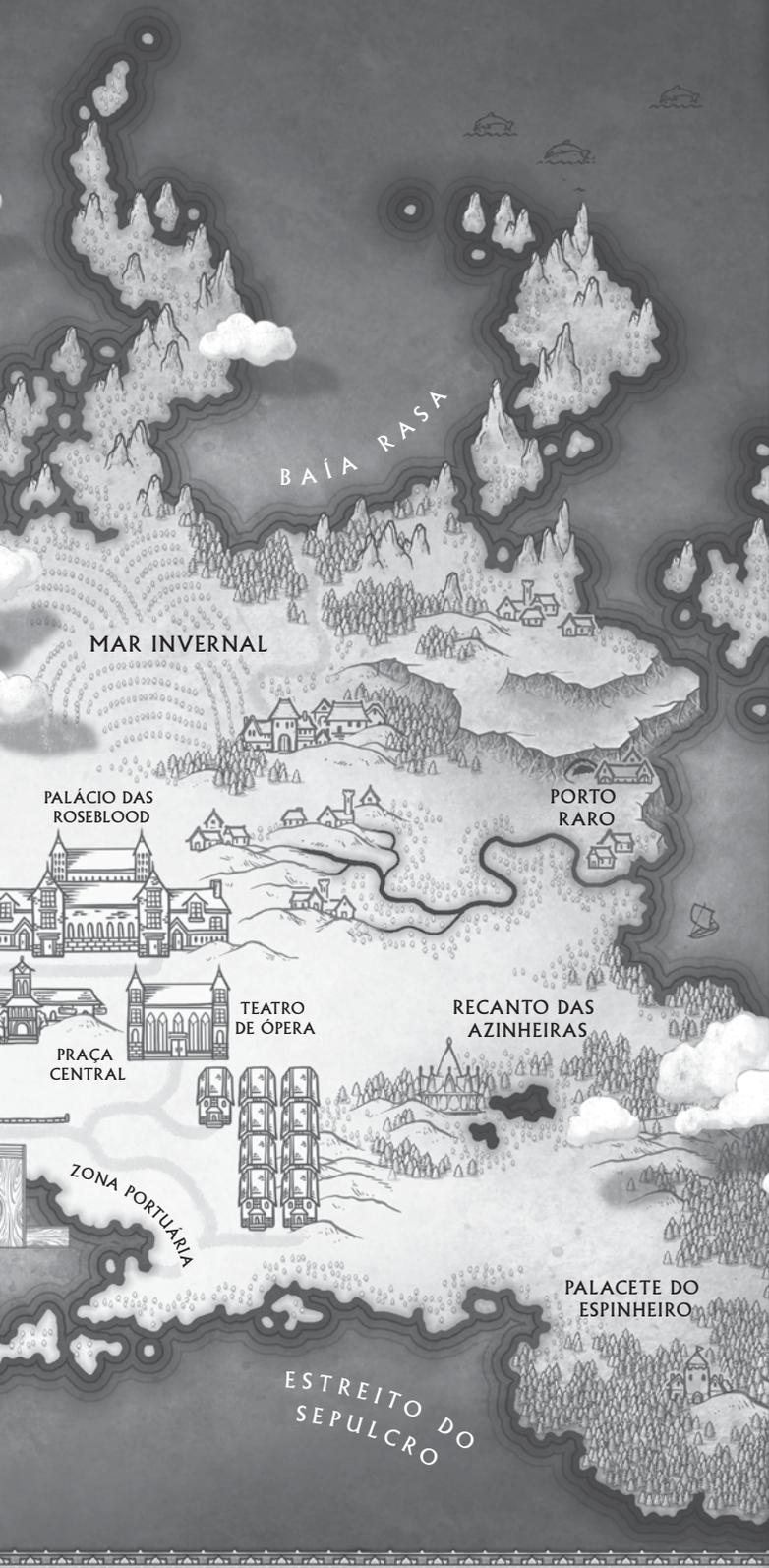




GIDEON



# NOVA REPÚBLICA





# PARTE UM



*No começo, havia escuridão. Até que as Sete Irmãs gargalharam e um mundo passou a existir. As irmãs caminharam por suas ondas e esculpiram seus litorais. Elas deram vida a todas as coisas e uniram o mundo com amor, bondade e beleza.*

*No entanto, elas não podiam ficar para sempre. Antes de partirem, selecionaram algumas pessoas para cuidar do mundo em sua ausência. Para ajudar esses guardiões a amar e a proteger sua criação, as Sete Irmãs lhes deram um dom.*

*O dom da magia.*

*E então, como uma chama que se extingue, elas desapareceram.*

– MITO DA CRIAÇÃO DO  
CULTO DOS ANCESTRAIS



# UM

## GIDEON

GIDEON DEU UM LEVE puxão na jaqueta de seu uniforme roubado. O tecido verde-floresta estava rígido, como se não tivesse sido muito usado.

O pobre guarda de quem o roubara estava inconsciente e amarrado em uma despensa no terceiro andar do Palácio Larkmont. Outros quatro guardas não haviam tido tanta sorte. Seus corpos flutuavam nas águas gélidas do fiorde.

Ele não tivera escolha.

Gideon se encontrava nas entranhas do território inimigo. Seria melhor estar morto do que ser descoberto.

Seus pensamentos faziam um contraste sombrio com o salão de baile iluminado. Instrumentos ressoavam conforme os músicos passavam o som, preparando-se para o recital particular prestes a começar. Lustres cintilavam acima enquanto serviçais se moviam por entre os convidados impecáveis no salão de baile do príncipe Soren, oferecendo uma última rodada de bebidas antes que a música começasse.

Parado perto da parede, Gideon observava o salão como os outros guardas, os olhos fixos em seu alvo: a linda garota de vestido dourado.

Rune Winters.

Soren estava ao seu lado, a mão na base das costas dela. O príncipe umbriano usava um terno sob medida, o brasão prateado da família bordado na capa, que pendia de um dos ombros com elegância, e seu olhar ávido descia pelo vestido que Rune usava, convidando os amigos ricos a fazerem o mesmo.

O sangue de Gideon ferveu ao observá-los.

Era um vestido bonito, não podia negar. Feito por algum designer pomposo, provavelmente custara uma pequena fortuna. Mas não *combinava* com Rune. O dourado não caía bem nela, e o corte era severo. O profundo decote em V terminava alguns centímetros acima de seu umbigo e na base de sua coluna, enviando uma mensagem poderosa:

*Olhem para ela. Ela é minha.*

O príncipe queria que seus convidados admirassem a bela bruxa em seus braços. Para Soren, Rune era uma criatura exótica. Um artefato vivo que ele estava determinado a adicionar à sua coleção.

Se a informação de Harrow estivesse correta, uma semana antes o príncipe tinha pedido a mão dela em casamento. E Rune aceitara com uma condição: se Soren a queria como esposa, tinha que dar a Cressida um exército.

Foi por isso que Gideon se ofereceu para aquele trabalho.

Com um exército, Cressida travaria uma guerra contra a Nova República. E, se vencesse, restauraria o Reinado das Bruxas e mais pessoas morreriam.

Gideon não podia permitir que isso acontecesse. Enquanto Rune fosse a peça-chave daquela aliança ímpia entre Cressida e Soren, ele não podia deixá-la viva.

Tinha ordens para matar e ia cumpri-las. Bem ali. Naquela noite.

Esperaria a noite toda pela oportunidade. Postado à parede do salão de baile, suando no uniforme roubado, ele observou Rune flertar com seu noivo. Observou Soren retribuir o flerte: tocando-a com mãos famintas, devorando-a com olhos cheios de soberba.

Isso estava levando Gideon ao limite.

Alex mal fora enterrado e Rune já estava noiva de outro homem. E nada menos que um príncipe.

*Foi isso que ela sempre quis? Um príncipe?*

Ele havia sido um tolo por achar que tivera alguma chance.

Gideon passou os dedos pela arma presa em sua cintura. Estava pronto. Mais do que pronto. Só precisava do momento certo...

– Você sente saudades de casa?

Gideon esquadrinhou o círculo de convidados ao redor de Rune e de Soren até seus olhos pousarem em quem tinha feito a pergunta: uma jovem de cabelo dourado trançado como uma coroa.

Rune riu.

– Dá para sentir saudades de um lugar onde todo mundo quer ver você morta?

Gideon a viu levar a taça de champanhe aos lábios vermelhos e virar o último gole.

Era seu terceiro drinque naquela noite.

Não que Gideon estivesse contando.

– Como era antes da revolução?

– Nós, bruxas, já vivemos como vocês – respondeu Rune, gesticulando para o grande salão onde lustres reluziam e colunas de mármore sustentavam o teto pintado. – Nossas vidas eram cheias de música, beleza, arte...

*Sim*, pensou Gideon. *E seus luxos eram bancados à custa da nossa miséria.*

O zumbido e o som dos violinos cresceram. Gideon deu uma olhada pelo salão, onde os convidados começavam a ocupar as cadeiras diante dos músicos.

– Esse estilo de vida foi roubado de nós na noite em que Gideon Sharpe liderou um grupo de revolucionários até o palácio.

Ao ouvir seu nome vindo dos lábios de Rune, sua atenção se voltou para ela.

– Ele assassinou duas rainhas no leito enquanto seus companheiros matavam o restante de nós nas ruas. Ele também teria deixado que acabassem comigo se Cressida não tivesse me salvado.

Gideon se enfureceu.

*Você está omitindo muitos detalhes dessa história, meu bem.*

– Deve ser muito doloroso – falou o príncipe, enquanto seus dedos acariaciavam as costas de Rune, descendo lentamente – estar tão distante, sabendo das coisas horríveis que acontecem lá... Fico feliz por você estar livre.

Os braços de Soren deslizaram ao redor da cintura de Rune, talvez com o intuito de confortá-la, mas parecendo mais um recado: Rune era *dele*.

Gideon remexeu os ombros, obrigando-se a relaxar.

– Bruxas ainda são massacradas pelo único crime de serem o que são – disse Rune, examinando sua taça vazia, dentro do abraço de Soren. – Nunca serei livre até que a última de minhas irmãs esteja livre também.

O som dos instrumentos se aquietou e um anúncio ecoou: o recital ia começar.

O círculo de convidados foi se dispersando um a um, indo na direção dos músicos.

Soren entrelaçou os seus dedos aos de Rune e a puxou para ocuparem seus lugares. Mal tinham dado dois passos quando a primeira música começou e os passos de Rune vacilaram.

Gideon a viu parar de supetão.

– Tudo bem? – perguntou o príncipe, virando-se para ela.

A música foi crescendo e Gideon olhou de relance para os músicos. A canção era familiar, mas não sabia dizer por que a reconhecia.

– P-Preciso retocar a maquiagem. – Rune parecia estar com dificuldade de se recompor. – Volto num minuto...

– Não seja ridícula – disse Soren. – O concerto começou. – Ele completou, baixando a voz: – Esse recital é para  *você*, Rune. Para comemorar nosso noivado. Você precisa estar presente.

Ele apertou os dedos dela com força.

Gideon estreitou os olhos, tenso como uma mola ao observar Soren arrastá-la adiante, para mais perto dos músicos. Exatamente do que ela tentava se afastar.

– Eu preciso...

Rune tentou desvencilhar a mão do aperto do príncipe. Quando Soren pareceu segurar com mais força, recusando-se a soltá-la, Gideon se afastou da parede. Os guardas posicionados dez passos mais adiante olharam de relance em sua direção, um lembrete de que estava cercado por inimigos. Não podia chamar atenção.

Além disso, Rune não precisava ser resgatada. Isso ficou claro quando ela parou bem na frente de Soren, bloqueando seu caminho até as cadeiras.

– Prometo não perder muita coisa.

Na ponta dos pés, ela deslizou os braços pálidos ao redor do pescoço do príncipe e roçou os lábios na bochecha dele, demorando-se ali. Quando a mão livre de Soren se acomodou no quadril dela, admirando sua curva, Rune acrescentou:

– Mais tarde, depois que o recital acabar e os convidados forem embora, terei algo especial para você.

Gideon sentiu um aperto no peito com essas palavras. Ao ver Soren erguer a mão e traçar a mandíbula de Rune com os dedos, seu corpo ficou petrificado.

– Algo especial? – murmurou o príncipe, inclinando-se para colar os lábios nos de Rune.

Deslizando a mão pelo cabelo castanho do príncipe, Rune retribuiu o beijo, dando a ele um gostinho do que estava por vir. O príncipe a puxou mais para perto, e Gideon soube que aquela não era a primeira vez. Já houvera outros beijos. Provavelmente mais do que beijos.

Essa compreensão despertou algo dentro dele. Algo trêmulo e doloroso. Algo que se enroscou em seu peito, ameaçando arrastá-lo para o fundo do mar.

*Chega.*

Ele pôs a mão na pistola.

Porém, antes que pudesse ir adiante, Rune escapou do abraço de Soren.

– Acho que você vai gostar da minha surpresa. – Suas bochechas estavam rosadas enquanto ela se afastava, andando de costas. – Tente adivinhar o que é até eu voltar.

Rune piscou. Os olhos do príncipe se turvaram de desejo.

Gideon ia vomitar.

Rune girou nos calcanhares e se afastou, observada por Soren e Gideon, o vestido a deixando inteiramente exposta.

Ela passou rápido pelos convidados que se dirigiam a seus assentos e pelos guardas posicionados ao longo das paredes. Ao se apressar até a porta, quase esbarrou na serviçal que entrava, parando logo antes de colidirem. A jovem equilibrava uma bandeja trêmula cheia de taças em uma das mãos e uma garrafa de uísque na outra.

Gideon observou Rune trocar algumas palavras com a criada, pegar a garrafa com ela e desaparecer pelo salão.

*Aí está.*

O momento que ele estivera esperando.



# DOIS

## RUNE

NÃO CHORE, NÃO CHORE, *não chore.*

As lágrimas faziam os olhos de Rune arderem enquanto ela corria pelo salão, passando por guardas estoicos em seus uniformes verde-escuros. Ainda bem que a aba do chapéu que usavam ocultava seus rostos, impedindo que ela visse o que deviam pensar dela.

Não podia deixar as lágrimas caírem. Não ali. Não diante de todos eles.

Mas não importava quão rápido corresse, não conseguia ser mais veloz do que a música tocando no salão de baile, cada nota uma flecha em seu coração.

*A música de Alex.*

A canção melancólica transportara Rune de volta à Casa do Mar Invernal; lembrou-se de estar à porta da biblioteca, observando seu melhor amigo debruçado sobre as teclas do piano de cauda, as mãos dele lançando um feitiço pelo cômodo.

Alexander Sharpe.

Aquela música – que a fizera fugir – tinha sido a última composta por ele.

Rune tocou o anel dele, ainda em seu dedo, enquanto uma onda de luto a assolava. Procurou por algo que a protegesse contra aquele sentimento terrível, aquela *saudade* horrível, e não encontrou nada.

Por isso precisara sair daquele salão de baile. Antes que explodisse em soluços no meio de uma festa para comemorar seu futuro casamento com um príncipe.

*Estaríamos casados a esta altura.*

Teria preferido Alex a Soren. Alex era seu melhor amigo. Além de sua avó, ele fora a única pessoa no mundo que a amara de verdade. Ela podia

não ter sido *apaixonada* por ele, mas, com o tempo, talvez acabasse se apaixonando.

Mas Alex não era a única coisa de que sentia falta.

Para ser bem sincera, Rune sentia falta de sua casa.

*Casa.*

A palavra a queimou.

No salão de baile, a amiga de Soren perguntara se ela sentia saudade da Nova República, e Rune tinha rido.

Mas a verdade?

A verdade era que Rune sentia falta da vista dos jardins de sua avó cintilando com o orvalho. Sentia saudade de cavalgar com Lady pelas áreas mais selvagens de Mar Invernal. Sentia falta do cheiro do mar, das florestas e dos campos. Sentia saudade dos ventos e das tempestades.

Ela gostava de Umbria e sua capital, Caelis. Gostava da arquitetura e da arte, da cultura, da moda, da gastronomia, da ausência do sentimento antibruxa. Gostava de estar ali para visitar ou passar um feriado, mas não pertencia àquele lugar.

Rune não tinha percebido que se sentiria assim quando aceitara se casar com Alex e ir embora da Nova República. Não sabia que, ao deixar a ilha para trás, também deixaria seu coração.

Dava para sentir saudade de um lugar onde todos queriam ver você morta?

Rune apertou o gargalo da garrafa de uísque. *Parece que sim.*

Se não houvesse uma dúzia de guardas observando sua fuga, Rune teria virado o uísque direto. As três taças de champanhe tinham anuviado um pouco sua mente, deixando-a quente por dentro e embaçando os cantos de sua visão. Era assim que ela sobrevivia à maioria das noites agora: em uma névoa ébria.

Porém, para sobreviver *àquela* noite, precisava de mais do que três taças de álcool. Precisava de uma banheira inteira.

A música de Alex foi crescendo, cada vez mais alta, o som melancólico se entranhando em seus ossos. Então Rune ergueu o vestido e correu, olhando por cima do ombro para ter certeza de que Soren não a seguiria.

Soren. Seu noivo.

Rune estremeceu, a pele ainda dormente em todos os lugares onde ele a tocara.

*Mais tarde, depois que o recital acabar e os convidados forem embora, terei algo especial para você.*

Ela sentiu um suor frio se espalhar por sua pele.

*Para que eu fui falar isso?*

Rune não tinha planejado nada. Só precisava fugir.

A ideia de procurá-lo mais tarde, *sozinha*, fez seu estômago revirar. Preferia entrar no mar com os bolsos cheios de pedras.

*Faça com que ele a deseje.*

Foi a instrução que Cressida dera a Rune logo que chegaram a Umbria: fazer-se irresistível aos olhos de Soren Nord, um príncipe umbriano.

Afinal, era nisso que Rune era boa.

Em seduzir homens.

Soren era dono de uma frota de navios de guerra. Como ex-almirante da Marinha, já viajara muito e tinha uma propensão a colecionar coisas belas e exóticas. No entanto, o melhor de tudo era o fato de ser solidário às bruxas e, segundo rumores, estar em busca de uma esposa.

Então, uma noite, após a ópera, enquanto Cressida observava dos bastidores, Rune esperou o príncipe sair de seu camarote e se colocou diretamente em seu caminho. Ele dera bem de cara com ela, derramando vinho no vestido caríssimo de Rune.

O príncipe ficou horrorizado com a própria falta de jeito, e Rune foi muito encantadora e compreensiva. Para compensá-la, ele a convidou para o balé na noite seguinte. E para o teatro, duas noites depois. De repente, estavam juntos todos os dias, dando passeios a pé ou de carruagem. Jantando a sós.

Ele estava encantado e Rune instigou seus afetos, interpretando seu papel com perfeição, até conseguir o que Cressida queria: um pedido de casamento.

No entanto, para surpresa de Soren, Rune recusou.

*Não posso me casar com você*, disse ela, recitando as falas de seu papel. *Não até que a última bruxa esteja a salvo.*

Mais especificamente: ela *não* se casaria com ele... a menos que ele desse a Cressida um exército para travar uma guerra contra a Nova República.

Rune não tinha o menor desejo de se casar com Soren nem estava interessada em cumprir as ordens da rainha bruxa. A ideia de trabalhar para Cressida a enchia de um desprezo vertiginoso por si mesma.

Só que Cressida salvara sua vida, assim como a de Seraphine, e não a

queria morta, ao contrário de Gideon e de todo o resto da Nova República. E mais importante ainda: Cressida queria salvar as bruxas que tinham deixado para trás. Meninas que estavam sendo exterminadas bem naquele momento.

Toda semana, nomes de bruxas mortas chegavam aos ouvidos de Rune. A Guarda Sanguínea capturara Aurelia Kantor, uma sibila poderosa – uma bruxa capaz de ver passado, presente e futuro. E agora estavam usando Aurelia para fornecer a localização de cada bruxa escondida. Isso permitiu que caçassem e executassem bruxas com precisão impiedosa. Às vezes até três ou quatro por semana.

Só os Ancestrais sabiam o que eles estavam fazendo com Aurelia para obter aquelas informações.

Em outra época, a Mariposa Escarlate a teria resgatado, mas a Mariposa estava ali, no Palácio Larkmont, do outro lado do Estreito do Sepulcro, meio bêbada de champanhe.

*Olhe só para você, pensou Rune. Na farrá com um príncipe enquanto suas irmãs são assassinadas.*

Ela abandonara aquelas meninas. E, se Gideon Sharpe não fosse impedido, não restaria uma bruxa viva na Nova República.

Se Rune ainda estivesse na ilha, já teria libertado Aurelia da prisão e a despachado às escondidas para o continente, protegendo outras bruxas no processo. Porém, a única forma de entrar lá era pelo mar, e cada porto estava tomado por caçadores de bruxas e seus cães de caça treinados para farejar magia. Estavam posicionados até mesmo a bordo de navios de viagem que iam e vinham da ilha.

Apenas um navio, o *Arcadia*, se recusava a permitir a Guarda Sanguínea e suas feras a bordo, mas isso não impedia que os caçadores de bruxas viajassem disfarçados. E, uma vez nas águas da Nova República, o navio era revistado por cães que farejavam qualquer bruxa antes mesmo que elas pudessem pisar na ilha.

Ainda que Rune *conseguisse* libertar a sibila, a Guarda Sanguínea nunca pararia de caçar pessoas como elas. Os espões da Nova República estavam revirando o continente em busca de Cressida Roseblood e sua corte em expansão, e, se tinham uma sibila nas mãos, era só uma questão de tempo até descobrirem o esconderijo delas.

*Eles nunca vão parar de nos caçar.*

A única forma de manter as bruxas seguras era destruir a Guarda Sanguínea e acabar com a Nova República.

E a única forma de fazer isso era devolver o trono de Cressida.

Rune queria vê-la em um trono tanto quanto queria um buraco no peito. A mulher era abominável. Uma assassina desumana. Porém, comparada à alternativa – uma sociedade que queria amarrar garotas como Rune pelos tornozelos, cortar suas gargantas e ver o sangue se esvaír de seus corpos –, Cressida Roseblood era o menor dos males.

Pois, sob o governo de uma rainha bruxa, pelo menos as bruxas estariam *a salvo*.

Com o apoio de Soren, Cressida garantiria que nenhuma bruxa voltaria a ser caçada.

Cressida estava na capital, buscando forjar mais alianças, mas estaria de volta a qualquer momento. Assim que retornasse, ela e Soren assinariam o contrato que os advogados dele tinham elaborado, selando sua aliança.

E Rune seria obrigada a se casar com ele.

O toalete feminino surgiu em seu campo de visão. Rune fixou o olhar na porta. Uma vez que estivesse lá dentro, em segurança, ela se permitiria desmoronar. Só por um minuto. E quando esse minuto terminasse...

Rune empurrou a porta com o pé e entrou, deixando-a fechar atrás de si.

Velas iluminavam o aposento escuro, tremeluzindo em arandelas nas paredes e em castiçais alinhados à borda da pia. Ao caminhar até ela, Rune abriu o uísque e tomou um longo gole, direto da garrafa. A bebida lhe queimou a língua e a garganta.

*Achei que tivesse deixado isso tudo para trás.*

Rune presumira que seria fácil. Afinal, estava acostumada a desempenhar papéis. Bancar a “noiva apaixonada” devia ser moleza.

Desde a morte de Alex, no entanto, flertes, tramas e mentiras vinham cobrando seu preço. Por isso seu quase surto na frente dos amigos de Soren e a garrafa de uísque em sua mão.

Depois de fugir da Nova República, Rune fora tola de pensar que finalmente poderia ser ela mesma. Não mais uma socialite bobinha e superficial, mas uma bruxa sem disfarces. A *verdadeira* Rune Winters.

*Mas quem é ela?,* pensou. *Quem é a verdadeira Rune Winters?*

Sufocou a pergunta.

*Não importa.* Cressida precisava de um exército e Soren tinha um. Cabia

a Rune garantir aquele exército. O que importava era quem ela *precisava* ser: a garota que acabaria com a Guarda Sanguínea e finalmente permitiria que todas as bruxas ficassem seguras.

*Você consegue. Lembre-se do que está em jogo.*

Na frente da pia, ela tomou mais um longo gole de uísque, estremeando com o sabor, e olhou para o espelho. O rosto estava marcado por lágrimas. Seus olhos avermelhados a encararam de volta, manchas rosadas surgindo no nariz e nas bochechas.

Seu olhar desceu pelo vestido dourado que Soren lhe dera. Não fazia nem um pouco seu tipo. O dourado deveria ser usado só em detalhes; do contrário, chamava atenção demais. E o corte era, bem, sugestivo. Deixava seu corpo todo à mostra.

Ela o odiava.

Isso a fez pensar em outro vestido. Um que lhe caía bem como nenhum outro. Porque quem lhe dera conhecia os desejos de sua alma, não apenas seu corpo.

Rune espantou aquele pensamento antes que se enraizasse.

*Não pensaria em Gideon Sharpe. Estava *farta* dele.*

Só que, aparentemente, não estava, não.

Como Alex, Gideon pedira a mão de Rune. Não em casamento de fato, mas em uma parceria. Um futuro juntos.

Ela cerrou os punhos.

*Gideon nunca te amou de verdade. Ele amava a garota que pensava que você era. Então o pedido dele não importa.*

Gideon jamais poderia amar uma bruxa.

Rune não sabia o que era mais perturbador: que Alex a tivesse amado ou que Gideon não tivesse.

Ela tivera certeza de que o capitão da Guarda Sanguínea a caçaria sem descanso – como ele jurara fazer. Só que dois meses tinham se passado, e ele ainda não viera.

*Talvez ele tenha decidido que eu não valho a vingança.*

*Talvez ele tenha me superado.*

Rune apertou os punhos.

Quem ligava para a razão? Ele se fora. Saía de sua vida.

Lágrimas arderam em seus olhos, mais pungentes que o uísque. Rune deu mais um gole, torcendo para se entorpecer o suficiente para voltar ao

salão de baile. Com certeza a música de Alex já teria terminado àquela altura.

Os pés dela, no entanto, se recusavam a dar meia-volta e retornar.

Rune olhou para o anel em seu dedo e baixou a garrafa.

*Ele se foi. Nunca mais vai voltar. Você teve dois meses para viver o luto. É hora de seguir em frente.*

Alex teria entendido seus motivos para fazer aquilo. Seus motivos para se casar com Soren. Ele não ia gostar, mas entenderia. Ele a perdoaria.

Mas pensar que Alex – o gentil, bondoso e confiável Alex – a perdoaria fez Rune desabar.

Em vez de se recompor, aconteceu o oposto. Algo tentou escapar dela à força. Rune se agarrou à pia de cerâmica, precisando desesperadamente se conter.

Mas não era possível.

A dor irrompeu.

Rune segurou-se na pia e explodiu em soluços mudos e trêmulos enquanto a tristeza a envolvia como uma corrente, puxando-a para baixo com seu peso. Estava tão atordoada pelo sentimento que quase não ouviu a porta abrir atrás de si.

Embora sua visão estivesse borrada pelas lágrimas, ela teve um vislumbre de verde-floresta no espelho.

*Que ótimo. Soren mandou um de seus guardas vir me buscar.*

Será que não tinha direito a cinco minutos sozinha?

Seria assim pelo resto da vida?

Enxugando as lágrimas com as mãos, ela tentou abrir o sorriso que usava como arma. Aquele que mascarava o vazio em seu peito. Estava prestes a usá-lo com aquele guarda desconhecido quando outro relance no espelho a deteve. Rune reconheceria aquela boca cruel em qualquer lugar.

Gideon puxou o chapéu para trás e apontou a arma direto para ela.

Quando seus olhares se encontraram, o coração de Rune disparou como um furacão.

*Achei que você tivesse me esquecido.*



# TRÊS

## GIDEON

AO ERGUER SUA ARMA para matar, Gideon cometeu o primeiro erro da noite.

Ele olhou para Rune antes de atirar.

Aqueles gelados olhos cinzentos o encararam. Os mesmos olhos que o assombravam noite após noite. Os olhos de uma mulher que ele queria esquecer.

*Por que ela está chorando?*

Gideon apertou a pistola.

*Não interessa. Não estou nem aí.*

Mas era impossível não ver as lágrimas escorrendo pelo rosto dela. Não tinha como *não* reparar na garrafa de uísque, muito menos cheia do que quando ela a pegara ao fugir do salão de baile.

A imagem dela ameaçou partir algo dentro dele. Era um sentimento perigoso, desestabilizante. Gideon precisava resistir.

– Algumas coisas nunca mudam, não é?

Rune falou com serenidade para o espelho, o olhar fixo nele. Gideon resistiu ao desejo de olhar para os fios dourados de seu vestido.

*Atire nela, inferno.*

– Perseguir uma garota até o toalete feminino com a intenção de matá-la é só um dia de trabalho normal para você. Não é, Gideon Sharpe?

– Engraçado como você não consegue parar de falar meu nome esta noite. O olhar dela ficou duro como estanho.

– O que seu irmão diria se visse você neste momento?

As palavras foram como um tapa. Ele deu de ombros para afastar a dor,

obrigando-se a lembrar que aquela bruxa era mestra em enganar. Ela o enganara, fazendo-o pensar que era só uma jovem inocente. Uma jovem que o amava. Enquanto isso, salvara bruxas em segredo para construir o exército de Cressida. E ainda ficara noiva de Alex.

*Alex.*

– Meu irmão está morto por sua causa.

Ela se virou para encará-lo, e Gideon não conseguiu se conter. Seu olhar desceu pelo indecente decote em V do vestido, agora tão perto dele. Absorveu demais dela.

Reprimiu um suspiro profundo.

– Você está ridícula com esse vestido.

*Mentiroso.*

Rune mordeu a isca, os olhos cintilando.

– Acho que Soren discorda. Ele não consegue tirar as mãos de mim.

Um sentimento venenoso assolou Gideon.

Rune ergueu o queixo e deu um sorriso torto.

Gideon lembrou-se dos dedos dela entrelaçados nos do príncipe. Como ela tinha sido generosa com seus beijos, como ficara perto dele o tempo todo, permitindo que ele a exibisse para os amigos.

Ela nunca fizera essas coisas com Gideon.

Era um lembrete duro de como ela sempre estivera muito fora de seu alcance. Como Gideon tinha se permitido acreditar que ela ficaria com alguém como ele?

Fora um otário desde o início.

– Suas ambições cresceram consideravelmente – disse ele. – Mirando num príncipe.

O rosto dela se enrijeceu em uma máscara, mas nenhuma a que ele estivesse acostumado. Todos os traços da socialite frívola que ela um dia fingira ser tinham sumido. Aquela máscara era inexpressiva como uma pedra.

– Pelo contrário. Ultimamente, meu único requisito para pretendentes é que não me queiram morta. A maioria das pessoas diria que essas são ambições *pequenas*.

– Se você diz... – Ele endireitou os ombros e firmou a mira, precisando acabar logo com aquilo. – Estou feliz que Alex não esteja aqui para testemunhar como você o superou rápido.

As palavras claramente atingiram Rune, que fechou as mãos em punhos.

– Se Alex estivesse aqui, eu não *precisaria* superá-lo.  
– Até que ele descobrisse a verdade: que você é uma pequena traiçoeira de...

Rune arremessou a garrafa de uísque na cabeça dele.

Gideon se abaixou. A garrafa passou de raspão, fazendo seu cabelo esvoaçar. O vidro se estilhaçou contra a parede atrás dele e o esguicho do álcool umedeceu seu pescoço. Um borrão dourado passou correndo e Gideon percebeu, quase tarde demais, que Rune estava rumando para a saída.

Ele esperava um feitiço, não uma garrafa voando em sua direção.

Gideon a pegou pela cintura e a empurrou contra a parede. Ouviu o ar escapar dos pulmões dela. Antes que Rune pudesse se recuperar, ele segurou seus pulsos acima da cabeça e enfiou um joelho entre suas pernas, prendendo-a.

Rune ofegou, encarando-o com raiva.

Segurando os pulsos dela com uma das mãos, Gideon apertou o cano da arma contra sua têmpora.

O cheiro dela invadiu seus sentidos, como junípero e água do mar, ameaçando enfraquecê-lo. Ele engoliu em seco, o coração disparado. Era perigoso ficar tão perto assim dela.

– Quem dera Alex não tivesse entrado na frente daquela bala – disse ela. – Era *você* quem deveria estar morto. Eu queria que tivesse sido você!

As palavras foram como uma faca enferrujada em suas entranhas.

Quantas vezes ele desejara o mesmo?

Lembrava-se bem demais de tudo: Cressida exigindo que Gideon fosse com ela, então erguendo a arma e disparando quando ele se recusou. Alex sendo atingido pela bala direcionada para ele.

Ainda podia ouvir o grito de Rune. Ainda a via em sua mente, coberta do sangue do irmão, agarrada a Alex enquanto ele morria.

No entanto, se Rune nunca tivesse ajudado Cressida Roseblood, Alex estaria vivo. Cressida tinha disparado a arma, mas Rune a acobertara. Estivera aliada à maior inimiga de Gideon o tempo todo. Mesmo agora, Rune estava tentando colocar a assassina de Alex de volta no trono.

*É por isso que você está aqui.*

Ele falhara com a República ao se apaixonar por seu alvo. Suspeitara que Rune fosse a Mariposa Escarlata – uma bruxa abominável que ele passara dois anos caçando – e, mesmo assim, tinha se apaixonado por ela.

Rune nunca amara Gideon. Tudo fora parte de uma farsa elaborada. Durante todo o tempo que fingira cortejá-lo, ela estivera apaixonada pelo irmão dele.

O que ela tinha dito, perto do fim?

*Alex é um homem muito melhor do que você jamais será.*

Rune fez Gideon acreditar que alguém como ela era capaz de amar alguém como ele. E tinha sido uma mentira. Ele era indigno dela e sempre seria.

Mas Gideon não quisera enxergar a verdade.

Ele quisera Rune.

*Porque sou fraco.*

Ao se apaixonar por ela, Gideon tinha falhado com a República que ele ajudara a construir, com os amigos e soldados a quem jurara lealdade, com os cidadãos que prometera proteger. Rune tinha enfraquecido Gideon, e essa fraqueza causara a morte de várias pessoas. E continuaria a causar, se ficasse por isso mesmo.

Era por isso que Gideon estava ali. Para arrancar a fraqueza em seu coração ao eliminar sua fonte: *ela*. E, no buraco aberto, ele derramaria aço derretido. Até fechá-lo de volta. Até que ele fosse mais forte e mais frio do que ferro.

Pressionou o cano da arma na têmpora de Rune.

Ela não se encolheu nem desviou os olhos. Apenas sustentou o olhar dele. Como se estivesse esperando por aquele momento. Esperando por *ele*.

– Vá em frente. Atire.

– É o que pretendo fazer.

– É? *Prove*.

Ele tinha se esquecido de como o olhar dela se enfurecia como uma tempestade, na qual ele queria entrar de cabeça.

– Nós dois sabemos o que você quer fazer comigo, Gideon. Bom, essa é a sua chance.

O olhar dele desceu para os lábios dela.

– Você não tem ideia das coisas que eu quero fazer com você.

Ele reparava em tudo, estando tão próximo: os olhos avermelhados e inchados, as manchas rosadas no rosto, as lágrimas secando nas bochechas.

O álcool no hálito dela.

Gideon sabia que de vez em quando Rune se perdia, mas aquilo era bem diferente.

Ele franziu a testa.

– Você fede como uma taberna.

– Palavras de um verdadeiro cavalheiro. – A voz dela era um rosnado rouco.

– Nunca fui um cavalheiro. – Ele se aproximou mais. – Se me confundi com um, o problema é seu.

Era impossível não estar ciente de cada parte dela. O calor de suas coxas ao redor do joelho dele. Os batimentos agitados de sua pulsação sob a mão dele. Rune era tão pequena e macia quanto ele lembrava. Impecável. *Linda.*

Gideon sentiu um ímpeto desesperado de tomar o rosto dela nas mãos e perguntar o que havia de errado, fazê-la contar a ele por que estava tão triste.

Abafou a tentação.

Era isso que ela fazia com ele: o deixava totalmente irracional.

*Ela é uma sedutora de sangue-frio. Não deixe ela te enganar.*

Rune tinha aberto a boca – provavelmente para insultá-lo ainda mais – quando os gritos de vários guardas fizeram com que ficassem imóveis. O som de botas ecoou pelo corredor. Deviam ter ouvido a garrafa se quebrar e agora procuravam a origem do barulho.

Gideon olhou ao redor. A única saída era a porta atrás dele, que se abria para aquele mesmo corredor. No momento em que a arma disparasse, ele revelaria sua localização. E, sem saída, os guardas o encurralariam.

Ele estaria praticamente morto. *Pior* do que morto. Se o prendessem, ele ficaria à mercê de Cressida. Não podia se tornar prisioneiro dela de novo. Gideon preferiria tirar a própria vida a permitir que isso acontecesse.

Os batimentos no pulso de Rune aceleraram sob o polegar dele. Se ela gritasse, eles sem dúvida o encontrariam.

– Grite por socorro – sussurrou ele, enquanto os guardas se aproximavam, a arma ainda apertada à têmpora dela – e enfiou uma bala na sua cabeça.

– Se eu ficar em silêncio, você me mata de qualquer jeito.

Verdade. Mas parecia que Rune queria viver um pouco mais, porque não gritou.

Ele se amaldiçoou por hesitar. Devia ter entrado, atirado nela e ido embora. Sem pensar, só fazer.

Mas sempre tinha preferido a Rune visceral e selvagem àquela que se escondia por trás de uma máscara de estilo e elegância. Se tivesse encontrado aquela Rune no banheiro – uma bela garota que retocara o pó no nariz, sem um fio de cabelo fora do lugar, nem um vinco no vestido –, provavelmente os dois não estariam tendo essa conversa. Ela já estaria morta.

Em vez disso, ele encontrara *essa* Rune.

*Sua* Rune.

Um completo caos.

A parte mais primal dele queria inclinar a cabeça dela para trás e beijá-la até que Rune lhe contasse por que estava chorando.

*Não.* Ele rangeu os dentes. *Isso é o oposto do que eu quero.*

Porém, agora que tinha pensado nisso, Gideon não conseguia *despensar*, e sua mente o empurrou para caminhos mais perigosos. Na última vez em que ele e Rune estiveram próximos assim, ela estivera em cima dele. Na cama dele. Ele a adorara com a boca, sussurrara coisas deliciosas contra a pele dela. Os dois tinham se entregado um ao outro em um ato que não podia ser desfeito, e agora ele sofria as consequências daquela decisão.

*Essa garota.*

Quisera tanto ser digno dela. Ousara ter esperanças, de tão tolo e estúpido que era.

*Nunca mais vou cair nos truques dela.*

– Me ajude a entender – sussurrou ele, ouvindo os passos se distanciarem, com uma súbita necessidade de saber. – Você devolveria o poder a Cressida apesar de saber do que ela é capaz? Deseja pânico e massacre?

– Para as pessoas que querem me caçar e cortar minha garganta? – Rune franziu as sobrancelhas perfeitas. – O que mais eu poderia desejar para elas?

Gideon estreitou os olhos.

– E, quando tudo acabar e suas preciosas bruxas estiverem a salvo, com a sua tirana mais uma vez sentada no trono sombrio dela, você vai estar casada com um príncipe que a trata como um prêmio. Também quer isso? Ficar sendo exibida como um troféu em uma caixa de vidro?

Ela pareceu hesitar e então inclinou a cabeça, desafiadora.

– Soren vai me fazer mais feliz do que *alguns* homens jamais conseguiriam.

E pensar que ele tinha beijado a boca de onde saíam aquelas palavras.

– Você pode enganar todos eles, mas não a mim. Olha só para você,

Rune. Está se embebedando para conseguir aguentar uma noite com ele.  
– Isso o fez se lembrar de si mesmo, pouco tempo atrás. E não gostou da lembrança. – Você vai odiar ser a esposa de Soren Nord.

– Você não tem ideia do que eu odeio.

– Tenho alguma ideia, sim.

Os olhos dela faiscaram como um raio.

– Você não me conhece nem um pouco.

– Posso não conhecer *Rune Winters* – sussurrou ele, a boca a centímetros da dela. – Mas conheço a Mariposa Escarlata. E ela não foi feita para viver numa redoma.

Rune se retraiu.

– Pare.

– Tenho pena do homem que cortar as asas dela.

– Pare de falar.

– Diga adeus à sua liberdade, Rune.

– Cala a boca!

Ela se jogou contra ele, e Gideon quase soltou seus pulsos. Tinha se esquecido de como ela era forte, apesar de ter metade de seu tamanho. Recuou o joelho para recuperar o controle.

Seu segundo erro.

Rune deu uma joelhada direto na virilha dele.

A dor explodiu como uma bomba, incendiando-o. O lugar se tornou um clarão branco. Gideon se curvou e caiu no chão enquanto a pressão insuportável em suas bolas fazia o mundo desaparecer. Dobrou as pernas contra o peito para se proteger caso ela tentasse outra vez.

Rune pegou a arma dele.

– Isso é por ter me entregado para ser expurgada.

Gideon gemeu, deitado em uma poça de uísque, vidro quebrado e dor.

A porta se abriu.

O cheiro de sangue e rosas encheu o ambiente quando uma pessoa entrou.

– Ora, Gideon Sharpe – disse uma voz que ainda o assombrava em seus pesadelos –, que surpresa agradável.

A sombra *dela* o cobriu, fazendo o sangue de Gideon gelar. Ele não ergueu os olhos. Sabia quem encontraria: uma bruxa de cabelo branco e olhos gélidos como um mar congelado.

*Cressida Roseblood.*

Gideon fechou os olhos.

*Merda.*

Sempre dissera a si mesmo que era melhor estar morto do que nas garras de Cressida. Que, se algum dia acabasse prisioneiro dela outra vez, encontraria um jeito de dar fim à própria vida.

Ele olhou de relance para sua arma, ainda nas mãos de Rune.

Totalmente fora de alcance.

# CONHEÇA A SÉRIE MARIPOSA ESCARLATE

Caçador sem coração  
Bruxa rebelde

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

